

cia”⁽³²⁵⁾. Esse libelo do escritor ficou sem resposta. Ele sabia que a corrupção ditatorial chegava a todos os campos, e acusava: “O que hoje se publica é palha apenas, porque os autores são obrigados a engolir as suas idéias. Há no Estado Novo um medo pânico da liberdade do pensamento — daí a opressão”; sabia, também, que o Brasil daquele tempo apresentava “complexo sistema de parasitismo em repouso sobre um larguíssimo pedestal de escravos andrajosos”. Quando dos equívocos em torno da sua pretensa candidatura à Academia Brasileira de Letras — “guarda-nacional da literatura indígena”, como a chamava, colocando nela uma das personagens de suas histórias infantis, o visconde de Sabugosa — concedeu entrevistas curiosíssimas aos *Diários Associados* e à *Revista da Semana*. Cassiano Ricardo, que trabalhava para o DIP, respondeu incluindo-o entre os “inimigos não só desta como de todas as instituições que representam valores permanentes e tradicionais, da ordem que esses elementos da dissolução e da falta de palavra desejam subverter”. Lobato era, assim, apontado ao DOPS, enquanto a Academia agasalhava o ditador, fazendo-o seu membro. Quando Lobato quis responder, o DIP não consentiu que a imprensa publicasse a resposta. Como Sobral Pinto mencionou, no *Jornal do Comércio*, depois, os escribas da ditadura provocavam polêmicas e, em seguida, providenciavam para que o DOPS ou o DIP calassem os adversários”⁽³²⁶⁾. Lobato foi condenado a seis meses de prisão; cumpriu a metade da pena. A experiência lhe foi proveitosa: viu a verdadeira face de muita coisa de que só conhecia a face aparente ou falsa.

A cultura brasileira atravessou um túnel, no Estado Novo; o romance pós-modernista, que vinha em vigorosa ascensão, marcada particularmente pelos ficcionistas nordestinos, que fixavam, quase em documentários, a miséria nada pitoresca das populações daquela região, declinou, e a sua figura mais alta, o maior escritor brasileiro desde o desaparecimento de Machado de Assis — Graciliano Ramos — fora arrancado de sua função de educador, tivera a cabeça raspada como os sentenciados e mofara nos presídios, sem processo, sem jamais ter sido ouvido; a ficção encolhera-se em psicologismos estéreis e em inconseqüentes fantasias. Ninguém podia escrever livremente, nem nos jornais, nem nas revistas, nem mesmo em livros; fogueiras deles encheram as ruas e praças, bibliotecas foram vascu-

(325) Carta de Lobato a Fernando Costa. In Edgar Cavalheiro: *Monteiro Lobato. Vida e Obra*, 2 vols., S. Paulo, 1955, pág. 477, II.

(326) “Os pró-homens do Estado Novo eram engraçadíssimos: atacavam e, em seguida, corriam ao diretor do DIP a fim de pedirem providências, obstruindo os meios de defesa dos atacados”. (Edgar Cavalheiro: op. cit., pág. 623, II).